



Dossiê

Volume 10 - Número 24

Teologie di dialogo:

Pagine sul dialogo ecumenico e interreligioso nella storia del cristianesimo

doi: [10.25247/paralellus.2019.v10n24.p263-278](https://doi.org/10.25247/paralellus.2019.v10n24.p263-278)

ANÁLISE DISCURSIVA DA FIGURA DA BEATA LINDALVA: UM OLHAR A PARTIR DO ETHOS

DISCUSSION ANALYSIS OF BEATA LINDALVA FIGURE: A LOOK FROM ETHOS

*Ivanaldo Oliveira Santos¹**Gustavo Natanael Arlindo Souza²*

RESUMO

Este trabalho se propõe analisar, com base na perspectiva teórica da Análise do Discurso de orientação francesa, a figura da Beata Lindalva, por meio da categoria do ethos discursivo. Como embasamento teórico, nos baseamos nos estudos de Maingueneau (1979, 2000, 2008, 2011, 2015, 2016) e em Amossy (2016). O *corpus* de análise é o livro: *O Sorriso de Lindalva*, de Gaetano Passarelli. É levado em consideração a dedução interpretativa desse ethos de como ele se emerge na figura da Beata Lindalva. Conforme a análise desenvolvida, notamos a importância desse ethos carismático, cristão, vicentino para importância de uma figura tão prestativa e humilde com seu próximo e da cristandade.

Palavras-chave: Beata Lindalva, Ethos, Análise do Discurso, Maingueneau.

¹ Filósofo, pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, pós-doutorado em linguística pela PUC-SP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9222093635180691>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2950-2760>.

² Licenciado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pelo Campus Avançado Profa: Maria Elisa de Albuquerque Maia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAMEAM-UERN). E-mail: gustavo.201314a@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5934806600592098>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1842-3880>.



ABSTRACT

This work intends to analyze, based on the theoretical perspective of Discourse Analysis of French orientation, the figure of Blessed Lindalva, through the category of the discursive ethos. As a theoretical basis, we are based on the studies of Maingueneau (1979, 2000, 2008, 2011, 2015, 2016) and Amossy (2016). The *corpus* of analysis is the book: *The Smile of Lindalva*, by Gaetano Passarelli. The interpretative deduction of this ethos of how it emerges in the figure of Blessed Lindalva is taken into account. According to the analysis developed, we note the importance of this charismatic, Christian, Vincentian ethos for the importance of a figure so helpful and humble with his neighbor and Christendom.

Keywords: Beata Lindalva, Ethos, Speech Analysis, Maingueneau.

INTRODUÇÃO

A partir das contribuições da Análise do Discurso (AD)³, de orientação francesa, o respectivo estudo tem por objetivo analisar, discursivamente, o ethos da Beata Lindalva, uma freira, uma religiosa consagrada da Igreja Católica, tendo como *corpus* analítico o livro: *O Sorriso de Lindalva*. A pergunta que norteia o estudo: qual o ethos emergi do referido texto sobre a Beata Lindalva. O estudo é fundamentado nas pesquisas desenvolvidas por Maingueneau e Amossy acerca do ethos discursivo.

Em certo sentido, justifica-se a escolha da figura da Beata Lindalva pelo fato de tratar-se de uma influente personagem mística-religiosa contemporânea, pois viveu e desenvolveu suas atividades pastorais-religiosas na segunda metade do século XX, e que, além dessas atividades, contribuiu com a formação educacional, humanística e literária de comunidades, de forma mais ampla, na região Nordeste, e, de forma mais próxima, no Rio Grande do Norte (RN). Dessa forma, a figura da Beata Lindalva

³ A respeito da Análise do Discurso (AD), conceitua-se, de forma sintetizada, uma teoria inserida nos estudos da linguagem que interpelando, juntamente com as ciências humanas e sociais, tem por objeto de investigação o discurso. Dentre desse componente destaca-se teóricos como Michel Pêcheux e sua ampla contribuição bibliográfica como exemplo: *Semântica e discurso* (1997), enfatiza-se também Michel Foucault, estes com obras: *A Ordem do Discurso* (2003), *Arqueologia do Saber* (2005) entre outros. A respeito da AD de orientação francesa, esta procura analisar os sujeitos dentro e influenciados por uma rede de discursos e posições sócio-discursivas. A AD de orientação francesa não apenas se relaciona com a materialidade presente no discurso, mas também com a dimensão literária, filosofia, sociologia, religiosa do discurso. Para isso, uma investigação é primordial sobre sua gênese, pois a AD é considerada, por muitos pesquisadores, como uma teoria transdisciplinar. Nesse sentido, destaca-se Maingueneau, considerado por muitos como o principal ponto teórico da AD de orientação francesa com sua contribuição acerca do ethos discursivo e do interdiscurso. Nesse sentido, destacam-se obras como: *Discurso e análise do discurso* (MAINGUENEAU, 2015) e *Discurso Literário* (MAINGUENEAU, 2016).

aproxima-se de personagens relevantes, no campo da educação e da literatura nacional, como o Padre José de Anchieta e o Padre Antônio Vieira, e do Rio Grande do Norte onde, destaca-se a figura do Monsenhor Walfredo Dantas Gurgel, que foi governador do estado na década de 1960, e do Padre Sátiro Cavalcante um educador e renomado intelectual universitário.

Dentro do quadro da justificativa também é destacado o fato do Rio Grande do Norte, estado da federação onde nasceu a Beata Lindalva, ter uma *cultura de martírio cristão* e um *histórico da presença do martírio cristão*. A história e a cultura do martírio cristão na região ainda precisam passar por diligentes investigações no campo da análise do discurso e de outras áreas das ciências humanas e da religião. Em todo caso, aponta-se que a região, além de contar com a história da Beata Lindalva – mulher, educadora e freira que morreu na defesa da virgindade, da castidade e dos valores éticos-amorosos do cristianismo –, é o palco dos acontecimentos históricos, no século XVII, das invasões holandesas ao Nordeste do Brasil e que culminaram no assassinato de 30 cristãos nas comunidades de Cunhaú e Uruaçu, ambas no Rio Grande do Norte. Esse acontecimento ficou conhecido como o *Martírio de Cunhaú e Uruaçu* e é um dos mais dramáticos episódios do Brasil colônia. No dia 15 de outubro de 2017 o Papa Francisco canonizou esses 30 cristãos e, com isso, elevando-os a categoria de santos mártires da Igreja Católica. Vê-se que o Rio Grande do Norte é o *locus* tanto do martírio de Cunhaú e Uruaçu como também do nascimento da Beata Lindalva, que sofreu o seu martírio em Salvador-BA.

O objetivo deste estudo é analisar, discursivamente à luz da AD de orientação francesa, como o *ethos* da Beata Lindalva se constitui de acordo com o livro: *O Sorriso de Lindalva*. Para tanto, a pesquisa divide-se, didaticamente, introdução, conceituação teórica e histórica sobre o *ethos*, as contribuições de Maingueneau sobre a respectiva categoria de análise, isto é, o *ethos* discursivo, posteriormente discorrendo uma síntese histórica da Beata Lindalva, com isso, adentrando no exercício da análise do *ethos* dessa figura histórica e religiosa. O estudo tem como *corpus* a biografia da Beata Lindalva produzida por Passarelli (2003).

Por fim, a título de conclusão, afirma-se que deve-se notar que, para além do reconhecimento puramente religioso, a Beata Lindalva é um símbolo, uma

representação da mulher nordestina, da mulher que aceita cuidar da família, dos idosos, que vive com alegria as tradicionais tarefas do lar e da devoção religiosa. A Beata Lindalva é um símbolo, uma representação de muitas mulheres vítimas de violência na sociedade, mulheres simples que, assim como Lindalva, vivem com alegria os árduos trabalhos domésticos, de devoção ao lar e a família e encontram na religião um sentido mais profundo para a existência. É dentro desse contexto que, fundamentado na teoria desenvolvida por Maingueneau, deve-se pensar o ethos da Beata Lindalva.

1 ETHOS: CONCEITO E SÍNTESE HISTÓRICA

A Retórica teve sua origem na Grécia, em torno do século V a.C., enfatizada pelas figuras filosóficas de Platão e Aristóteles, especificadamente destinado a ser repassado pelos sofistas, sendo estes um conjunto de pensadores filósofos detentores para ensinar essa arte do bem falar e escrever como era vista naquele período. Como aponta Abreu (2009) os sofistas os que mais se destacaram foram os estudiosos Protágoras, Cícero e Górgias, mas é do ponto de vista aristotélico que a Retórica ganha mais sustentação nas ciências humanas e nos estudos linguísticos argumentativos com sua tríade do *ethos*, *pathos* e *logos*. Nessa ideia, a filosofia aristotélica se tornou o paradigma para os estudos contemporâneos discursivos e argumentativos.

Na Nova Retórica⁴ têm-se com maior representação os teóricos Perelman e Tyteca (2005), e nos aportes teóricos discursivos destaca-se Dominique Maingueneau, o qual este último será nosso ponto central para análise pela categoria do *ethos*, e a Ruth Amossy que também transmite uma grande importância sobre o ethos discursivo.

⁴ Sobre a questão da *Nova Retórica*, é importante ressaltar que os estudos retóricos se iniciaram na Grécia Antiga, precisamente verticalizados com o ideal aristotélico. A Nova Retórica ganha maior relevância nos estudos da linguagem a partir da década de 1960, sendo que os estudos linguísticos passam a ter uma nova perspectiva de estudo, e a retórica é inserida nesse leque de teorias novas originando pelos novos olhares dos estudos linguísticos, como na linguística, na pragmática e a semiologia. A argumentação no discurso ou Nova Retórica, esta busca estudar todas as formas argumentativas materializada no discurso e seus respectivos gêneros discursivos, isto é, estudar as manifestações argumentativas sobre uma retórica da música, da charge, cinema etc. A obra *Tratado da Argumentação* (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005), é vista, por muitos estudiosos, como o ponto norteador para essa nova retórica, principalmente pelos autores Perelman e Tyteca retomarem algumas ideias de Aristóteles.

Ressaltamos a importância da perspectiva tratada do ethos retórico descrito pela filosofia aristotélica e redigida pelos autores da Nova retórica com o caráter argumentativo, no entanto, nos baseamos pela temática discursiva do ethos discursivo de Maingueneau e com as contribuições de Amossy.

Levando em conta as postulações teóricas em torno do ethos, de acordo com Amossy (2016, p. 221):

O *ethos* discursivo mantém relação estreita com a *imagem prévia* que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno – às vezes demonizada de *ethos prévio* ou *pré-discursivo* – está frequentemente no fundamento da imagem que ele constrói em seu discurso: com efeito, ele tenta consolidá-la, retificá-la, retrabalhá-la ou atenuá-la.

Com base nesse pensamento, o ethos se consolida justamente por essa relação que AD de orientação francesa frisa, o qual Maingueneau também compactua dessa fundamentação. O ethos tem uma espécie de ligamento que o público faz do sujeito orador antes mesmo dele proliferar sua enunciação, isto é, o auditório já tem uma ideia preestabelecida do sujeito, uma imagem um pouco (re) formulada tende em vista que essa categoria não se restringe a ideais já preestabelecido, mas no bojo das reconstruções que o sujeito empiricamente tem com seu contato com a linguagem.

Seguindo essa linha de Amossy (2016), o pesquisador coloca em questão que o ethos tende a investigar novos desafios na sociedade, levando em conta que, o fato do auditório estabelecer uma imagem prévia é incisivamente para AD de orientação francesa.

1.1 MAINGUENEAU E O ETHOS

O ethos é unidade categórica de Maingueneau que se começou a ser refletida na década de 1980 para se alocar em futuras pesquisas. Tendo em vista que essa unidade não se remete a noção de ethos tido como na Argumentação ou Nova Retórica, prescrito na perspectiva aristotélica em que o discurso era tido numa forma de persuadir pelo o orador ganhar causa a uma adesão sobre seu determinado auditório.

Para Maingueneau (2011), essa categoria é essencial nos estudos discursivos para uma nova ampliação vertical para a compreensão das múltiplas manifestações do discurso tendo em vista que o discurso é uma prática social. O *ethos* na perspectiva de Maingueneau vai mais além, devido ao fato dele estabelecer essa categoria como uma característica que tanto permite o sujeito a adesão de diversas situações de manifestações discursivas, como também permite o indivíduo a refutar, recusar.

É perceptível que nas leituras de Maingueneau (2008), essa categoria não deixa de apresentar uma semelhança com base de como é descrito no *ethos* descrito na visão aristotélica, haja vista que para Maingueneau, ele chama atenção numa reflexão além de uma imagem de si feita pelo o enunciado, mesmo que essa unidade esteja numa relação de enunciar. É importante ressaltar que o público constrói uma imagem do enunciatador mesmo antes dele executar sua enunciação, o que para ele é tido como *ethos* pré-discursivo. Nesse modo, para entendermos essa categoria descrita por Maingueneau, é o discernimento que essa imagem, *ethos*, vem ser construída pela junção dos vários fatores, elementos presentes na cena enunciativa.

Precisamente pelo próprio conceito de *ethos*, Maingueneau (2011, p. 17) dispõe:

Fui levado a trabalhar essa noção de *ethos* no quadro da análise do discurso e sobre a *corpora* de gêneros “instituídos”, que oponho aos gêneros “conversacionais”. A perspectiva que defendo ultrapassa em muito o domínio da argumentação. Para além da *persuasão* por meio de argumentos, essa noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral de *adesão* dos sujeitos a um certo discurso. Fenômeno particularmente evidente quando se trata de um discurso como a publicidade, a filosofia, a política etc., que – diferentemente dos discursos que relevam de gêneros “funcionais”, como os formulários administrativos e os manuais de instrução – devem ganhar um público que está no direito de ignorá-los ou recusá-los.

Diante dessa constatação, observa-se que, numa forma prévia, o conceito atribuído ao *ethos* discursivo está justamente relacionado a um gênero discursivo, em que engloba fatores sócios discursivos perante as suas condições sócio-histórica. Por uma forma mais objetiva e sucinta, essa categoria é a imagem que o enunciatador faz de si de acordo com sua maneira de enunciação do discurso, pois

O *ethos* implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendida por intermédio de um comportamento global. O caráter e a corporeidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais

valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las. Esses estereótipos culturais circulam nos domínios mais diversos: literatura, foto, cinema, publicidade etc (MAINGUENEAU, 2000, p. 99).

Outra relação que se tramita enquanto falamos de *ethos* é o que Maingueneau intitula como *fiador*, este toma como base a relação sistemática entre o corpo e o discurso o que sobressai entre a oposição perante a linguagem oralizada e a escrita. De acordo com o pensamento de Maingueneau (2011), a partir do momento em que o sujeito enunciador prolifera seu enunciado automaticamente sua postura vai construir seu corpo, e esse corpo é justamente a sua imagem que é construída devido a sua enunciação discursiva. Esse corpo que é concebido na AD com base em Maingueneau (2011) é estabelecido por características em que o interlocutor vai identificar a partir do corpo do enunciador perante o enunciado que ele produz. Tendo em vista que o fiador é a imagem que é construída pelo próprio discurso em seus enunciados e é integrada pelo público.

Nessa noção de *ethos* ela é um fruto de uma interação que estabelece uma imagem para cada enunciado que é originalizado, seja em sua modalidade oral ou um texto escrito. Maingueneau nos chama atenção que quando essa imagem é árdua de captar em textos de pouco acesso, o que dificulta identificar essa imagem para ter um discernimento mais preciso. Haja vista que, o principal fator para essa dificuldade em identificar esse tipo de *ethos* é devido esse texto/discurso não pertencer à esfera social ou conjuntura que estamos inseridos em seu espaço-temporal.

2 SÍNTESE HISTÓRICA DA BEATA LINDALVA

Ressalta-se, até mesmo de forma prévia, que congregação que Lindalva pertencia, ou seja, as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (FDC), mais conhecida como Filhas da Caridade, é um ramo cristão evangelizador originado na França, no século XVII. Sendo fundado por São Vicente de Paulo e Santa Luiza de Marillac, cuja finalidade é em servir aos mais necessitados no corpo e espiritual, por meio das virtudes cristãs, isto é, simplicidade, humildade e a caridade.

A Ira. Lindalva Justo de Oliveira, mais conhecida como *Irmã Lindalva*, foi membro da congregação religiosa das Filhas da Caridade de São Vicente de Paula, foi uma freira

católica natural de Açu, RN, precisamente da comunidade rural conhecida como Malhada da Areia, e que ingressou na vida consagrada, precisamente na FDC, pelo seu espírito aguerrido em servir a Deus olhando o outro, nesse caso, os mais pobres. Tinha uma vida de devoção a Jesus Cristo e a Virgem Maria, mudou-se para a capital do seu estado, ou seja, Natal-RN, onde trabalhava para amparar a família economicamente e, mesmo assim, continuava os estudos até concluir seu segundo grau (cf. EDUCAÇÃO, 2019).

A Irmã Lindalva, desde o seio familiar, sempre demonstrou uma naturalidade de servir em prol de uma vida digna e isso iniciou-se na própria família com pais os agricultores e seus demais irmão e irmãs, totalizando 12 filhos, todos educados na moral e virtude cristã (cf. PASSARELLI, 2003, p. 12-13). Desde a infância e adolescência, a postura da Irmã Lindalva – futura Beata Lindalva – era muito disponível em ajudar nas tarefas domésticas e nas lições escolares dos seus irmãos mais novos. “Muito cedo aprendeu a cozinhar e a costurar roupas para os irmãos” (PASSARELLI, 2003, p. 15). Apesar de família humilde, o sustento da agricultura que os pais se utilizavam para viver era o suficiente para educar e, até em algumas vezes, ajudar uns mais necessitados.

No campo educacional a Irmã Lindalva, com o ensino fundamental concluído em Açu, no Rio Grande do Norte, desempenhava papel de babá, e até em algumas situações, ajudava a cuidar de alguns doentes. Seu carisma era muito atencioso e cuidadoso e, com isso, conhecidos tinham uma confiança em seu caráter, mas foi em 1971 que a ela, já como Filha da Caridade, terminou seus estudos (cf. PASSARELLI, (2003, p. 19-20). Nessa condição, chegou a concluir o curso de Auxiliar de Escritório em Natal-RN, onde teve que se mudar para ajudar seu irmão, conhecido como Djalma, e a filha que ele tinha, e ter uma formação melhor nos estudos. Ela depois de formada exerceu o cargo de vendedora, atendente de caixa e numa fábrica de confecções, sempre destinando uma parte de seu salário à família e a sua irmã, pois sentia o dever de ajudá-los.

Antes mesmo de sua consagração como freira das Filhas da Caridade a formação religiosa foi muito evidente. Tanto o pai como a mãe tinham uma devoção à religiosidade cristã, principalmente o pai, o Sr. João Justo. Em certo sentido, era natural que a jovem Lindalva Justo de Oliveira tivesse uma religiosidade ativa. Nesse

contexto, ela sempre lia a Bíblia e visitava a casa das Filhas da Caridade e o abrigo de idosos, mantidos pelas freiras dessa congregação religiosa, em Natal. Tempos depois Lindalva perdeu seu pai devido um câncer no abdômen, o que motivou ainda mais sua disponibilidade com as Filhas da Caridade. A partir desse momento que se inicia a futura vida como uma Consagrada à Virgem Maria e a Cristo, ou seja, como freira católica. Ela deixa de ser Lindalva Justo de Oliveira e passa a ser a Irmã Lindalva (cf. PASSARELLI, 2003, p. 20-22).

A Irmã Djanira, uma freira, membro das Filhas da Caridade, e diretora da Escola Dom Marcolino, em Natal-RN, desempenhou uma mediação com Irmã Lindalva a respeito de uma vida de doação na defesa da virgindade, da castidade e dos valores éticos-amorosos do cristianismo e também com o trabalho em prol dos mais pobres, idosos, doentes etc. De acordo com essa mediação e pelo voluntariado da Irmã Lindalva começa sua vida de consagrada, principalmente quando a Irmã Djanira escreve para a sede da Congregação das Filhas da Caridade, em Recife, Pernambuco, sobre ela e suas virtudes, em 12 de setembro de 1987, e, posteriormente, pelo próprio pedido de admissão oficial de Lindalva às Filhas da Caridade (cf. PASSARELLI, 2003, p. 23).

Seu noviciado inicia-se em 16 de julho de 1989 na região da província da Congregação das Filhas da Caridade, Recife-PE, sendo concluído em 26 de Janeiro de 1991. Logo depois é enviada para o Abrigo Dom Pedro II, em Salvador, Bahia, onde teve que desempenhar a coordenação do pavilhão dos idosos, o Conselho Provincial não hesitou em enviá-la, pois na sua formação, desde o seio familiar, era vista como uma pessoa mais preparada a lidar com os idosos, tendo iniciado esse tipo de atividade em sua própria família. Nesse período a Irmã Lindalva era sempre atenciosa, carismática, preocupava-se sempre no lado da carne e também espiritual dos idosos, levando-os para se confessar, comungar, ainda rezava com alguns (cf. PASSARELLI, 2003, p. 32- 50).

A religiosa passou por momentos difíceis na Bahia, o assédio de um interno chamado Augusto Peixoto era o maior deles, pois a desejava sexualmente, o que sempre deixava a respectiva freira atônita. Seu afeto e apego tão grande pelos idosos não deixaram que ela pedisse uma transferência do Abrigo Dom Pedro II, o que lamentavelmente originou a sua vida ceifada. O interno Augusto Peixoto tendo seu

desejo amoroso negado pela Irmã Lindalva, terminou esfaqueando-a brutalmente, sem nenhuma reação da freira, ela apenas clamou por Deus (cf. PASSARELLI, 2003, p. 57- 60).

Lindalva de Oliveira sempre demonstrou desejo em seguir a vida religiosa, como freira, e, por isso, servir aos mais pobres, o que mais tarde levaria a graça do seu martírio com 44 punhaladas, em 9 de abril de 1993, uma sexta-feira santa, na cidade de Salvador, Bahia. Sendo proclamada sua beatificação no dia 2 de dezembro de 2007, em Salvador, pelo enviado do Papa Bento XVI, o Cardeal José Saraiva Martins. Na homilia de beatificação da Irmã Lindalva o Cardeal José Saraiva Martins enfatizou que a:

[...] herança mais fascinante de Lindalva, para saber contagiar quem nos está perto, com a alegria inefável que mergulha as suas raízes nos pés de Cristo Ressuscitado, conscientes de que enquanto filhos de Deus, somos todos chamados a ser santos e que a santidade é um caminho de liberdade para cada um (MARTINS, 2007, p. 1).

O processo de beatificação da Irmã Lindalva se iniciou, primeiramente, por medidas populares, o fato da freira ter sido brutalmente assassinada numa sexta-feira santa não foi algo por acaso, mas, visto por muitos cristãos, como uma graça do martírio do sangue cristão para futuras vocações, levando em conta seu espírito aguerrido em serviço dos mais necessitados, e sua fé em defesa da virgindade e da moral cristã.

Por essa razão, é que procuramos analisar como o *ethos* da Beata Lindalva é construído no livro: *O Sorriso de Lindalva*, de Passarelli (2003), levando em considerações como essa imagem de sua vida consagrada e de seu martírio busca exemplar de forma pragmática, os sentidos dos valores cristãos em sua vida de consagração no caráter vicentino, cristão e humaníssimo por amor em Cristo na figura dos pobres.

Partindo por um viés investigativo, com este trabalho objetivamos analisar o *ethos* discursivo postulados por Maingueneau (2000, 2008, 2011, 2015 e 2016) na análise do discurso, de orientação francesa, entre outros que citaremos no decorrer da pesquisa.

2.1 O ETHOS DA BEATA LINDALVA

Respalhando-nos pela seção teórica tecida anteriormente, agora abrangeremos por uma forma mais pragmática, uma visão mais aprofundada sobre o *corpus* de análise selecionado, cuja sua materialidade relata os feitos da Beata Lindalva enquanto Filha da Caridade, cristã e ser humana.

No início do *O Sorriso de Lindalva* é perceptível no texto um discurso bem instigante da própria Beata Lindalva. Vejamos a citação: “O coração é meu e pode sofrer, mas o semblante é do outro, deve ser sorridente” (*apud* PASSARELLI, 2003, p. 7), essa fala oralizada pela religiosa na sua adolescência, antes dela pertencer uma vida consagrada, vocacionada algum ramo da cristandade, ao proliferar esse discurso na adolescência, o texto já nos remonta para um *ethos* pré-discursivo, levando em consideração uma percepção dessa virtude cristã vicentina de se preocupar com o seu semelhante. Esta fala destacada já nos mostra uma espécie de sua futura vida religiosa como freira, pois esses aspectos de sensibilidade, empatia com o ser humano é uma das virtudes da congregação vicentina, podemos assim dizer que, neste momento é o ponto inicial de Lindalva para uma futura vida vocacionada em detrimento dos valores éticos-amorosos do cristianismo que acarretará posteriormente na pesquisa sobre o *ethos* que é emergido da religiosa.

Nesse momento da fala da Beata Lindalva, observa-se a preocupação que ela tinha com os sujeitos que viviam em torno da sua companhia, sendo estes na maioria humildes e necessitados, como Maingueneau (2008) enfatiza que o discurso implica não apenas em sua materialidade escrita ou falada, mas um mecanismo que engloba uma série de fatores da exterioridade que implicam nesses discursos, nesse caso, o da mártir já atribui um *ethos* de manter um semblante firme, de postura alegre para ajudar aos pobres antes mesmo dela ingressar numa vida consagrada.

Pois bem, como o discurso é uma prática social e que o indivíduo pode tanto ter adesão ao determinado *ethos* como também pode refutar (cf. MAINGUENEAU, (2011), a religiosa em determinados momentos em sua vida se deparou com alguns *espinhos*, mais precisamente com alguns parente e amigos, em uma de suas cartas ela escreve para um parente com dificuldades no casamento com o intuito de pacificar. Sobre essa ideia, destaca-se em uma de suas cartas:

Hoje tens uma filha. Já paraste algumas vezes para pensar qual o exemplo de vida e amor a Deus lhe estás oferecendo? Um dia foste batizado e depois confirmado. Quando recebeste a Crisma, fizeste a promessa de dar testemunho do amor a Deus. Sei que és um homem bom, e podes ainda melhorar não bebendo mais. Está chegando o fim de um outro ano e junto com ele a esperança que têm, tu mãe e tua filha de perceberem que estás curado do vício do álcool. [...]. Estou rezando muito por ti e vou continuar rezando; se for preciso farei até penitência para que realizes como pessoa humana, no seguimento de Jesus, que lutou até a morte pela vida dos pecadores, doando sua própria vida, não como Deus, mas como pessoa humana, pela remissão dos pecadores. É n'Ele que devemos buscar refúgio, só por Ele vale a pena viver (PASSARELLI, 2003, p. 35-36).

De acordo com a citação de uma das cartas da Beata Lindalva, observamos a partir desse texto essa inquietação que ela tinha com seu próximo, isto é, os mais humildes, necessitados, idosos etc, pois como consiste o evangelho de São João: “não há amor maior, do que, dá sua vida por aqueles que se ama” (Jo 15, 13). A imagem que se constrói perante a citação é de um *ethos* que é emergido diante desta passagem específica do livro, é que está relacionado à uma religiosa preocupada com um matrimônio de um parente cuja a vida espiritual está abalada por razões de alcoolismo, a imagem (*ethos*) de Lindalva já transmite uma reflexão com seu destinatário, interlocutor, o que posteriormente acaba levando seu interlocutor tendo adesão, como demonstra Maingueneau (2011), ao *ethos* que ela transmitiu através da carta e não sendo refutada negativamente.

No seu tempo de noviciado e de integrar o postulado das Filhas da Caridades, em 1987, a Beata Lindalva realizou diversas atividades sociais e espirituais. Nessa perspectiva, ressalta-se:

Irmã Lindalva realizou o seu trabalho de Pastoral com os doentes do hospital da restauração em Recife, onde os pobres eram muito numerosos e, na maioria das vezes eram do interior do Estado, ou moradores de Rua. Ao término do Noviciado, na ficha pessoal está definido assim: “Piedosa, alegre, comunicativa, zelosa, simples, prudente, apostólica, com grande amor aos pobres, forte, compreensiva, fiel na prática das virtudes, sincera” (PASSARELLI, 2003, p. 39-40).

Nesse trecho, a Beata Lindalva é apresentada como alguém que possuía basicamente as virtudes necessárias para uma vida religiosa e de dedicação aos mais carentes. O *ethos* religioso, atribuído ao corpo da Filha da Caridade está repleto de

comprometimento em servir os mais pobres por amor a Cristo, o que nos remonta até o discurso de Jesus “Eu vim para servir, mas não para ser servido” (Mt 20, 28) e ao *Catecismo da Igreja Católica*, sobre o que é caridade, tendo em que, a “caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 95).

Está incisivamente na trajetória de vida da Beata Lindalva, uma vocação de vida consagrada a Cristo tão profunda que, em meados dos assédios que começou a receber de Augusto, este sendo o ceifador de sua vida, Lindalva proferiu “Prefiro que o meu sangue se derrame, do que ir embora”, haja vista que, a religiosa era muito apegada aos idosos que cuidava no Abrigo Dom Pedro II, na Bahia.

Também podemos observar a construção da imagem da Beata Lindalva com na parte da obra, especialmente dos funcionários e os voluntários do Abrigo Dom Pedro II, em Salvador (uma instituição fundada em 1887, que presta serviços assistenciais para idosos empobrecidos).

Vejamos no texto: “Os funcionários e voluntários perceberam que não poderiam mais dizer “esta é a minha e esta é a sua” onde havia necessidade, lá estava Irmã Lindalva” (PASSARELLI, 2003, p. 45). O texto nos chama atenção dessa imagem bem aguerrida em prol da disponibilidade do espírito aguerrido da Beata em se doar pelo seu semelhante.

Ressalta-se não apenas essa assistência não apenas material, mas também espiritual que a religiosa também era engajada, pelo texto:

Irmã Lindalva não se ocupava só com o bem-estar físico, mas, também, com o lado espiritual de todos, a começar por aqueles que estavam sob o cuidado. Levava-os para se confessar e receber a comunhão. Quando algum estava gravemente enfermo, chamava o Capelão para administrar os sacramentos (PASSARELLI, 2003, p. 49).

Em certo sentido, percebe-se que a Beata Lindalva procurava seguir a mensagem do Papa João XXIII enfatizando, na cerimônia de abertura do Concílio do Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, a defesa e difusão da doutrina cristã católica que é o “depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. Essa

doutrina abarca o homem inteiro, composto de alma e corpo” (JOÃO XXIII, 1962, p. 1), pois a Beata Lindalva levava os idosos para se confessarem, receber a eucaristia, nota-se essa imagem de preocupação da Consagrada com o lado espiritual dos seus idosos, que é uma característica dos vicentinos, e também, em difusão da doutrina da Igreja a qual ela procurava conservá-los e ensiná-los.

Enfim, como enfatiza Maingueneau (2011), a partir do momento em que o sujeito enunciador prolifera seu enunciado sua postura vai construir seu corpo, e esse corpo é justamente a sua imagem que é construída devido a sua enunciação discursiva, o que marca sobre o texto de Passarelli sobre a Irmã Lindalva, consolidando seu *ethos* de religiosidade, de vicentina, através de sua fé e ações, um paradigma do valor vicentino dos princípios éticos do cristianismo para novas vocações ao público que se dirige este de tipo de consagração de Filha da Caridade de São Vicente de Paulo e devoção a Cristo para com os mais carentes e necessitados, ou seja, seus semelhantes.

COSIDERAÇÕES FINAIS

A figura da Beata Lindalva é impactante não apenas para o campo religioso, mas para a sociedade, pois o seu sorriso cristão direcionava ao outro com mesmo grau de comprometimento e afinidade de sua vida consagrada, em seu trajeto podemos observar os efeitos de sentidos que o *ethos* foi desenvolvido enquanto figura religiosa e humana, enfatizando todas as virtudes necessárias para uma vida consagrada a qual pode ser observada no decorrer do trabalho.

A vida da mártir serve ainda como exemplo de renovação para futuras vocações para quem desejar uma vida consagrada por amor a Cristo e seu Evangelho, nota-se ainda que o martírio não é uma graça que foi deixada apenas no início do cristianismo ou, até mesmo, de tempos antigos, como no caso do martírio colonial dos beatos Cunhaú e Uruaçu, mas essa graça continua ativamente renovada pela figura da beata na contemporaneidade.

Para que pudéssemos realizar essa análise, foi necessário a existência de um norte teórico-metodológico que nos amparassem de base para a veracidade desse trabalho, fato este que foi primordial para melhoria e facilidade em compreendermos cada vez

mais sobre a Análise do Discurso de Orientação Francesa, com isso, no decorrer da análise podemos verificar o *ethos* que foi constituído a partir do texto ligada à figura da Beata Lindalva.

Por fim, a título de conclusão, afirma-se que muitas mulheres são assassinadas no Brasil por motivos semelhantes ao de Lindalva. No entanto, foi a jovem Lindalva que teve o privilégio de ser beatificada pela Igreja, virou *Beata Lindalva* e, com isso, suas virtudes humanísticas, heroicas e cristãs, como demonstra Passarelli (2003), são fruto de devoção popular e de reconhecimento social. Parte desse reconhecimento é consequência da força e do peso histórico-social da Igreja Católica no Nordeste do Brasil. No entanto, deve-se notar que, para além do reconhecimento puramente religioso, a Beata Lindalva é um símbolo, uma representação da mulher nordestina, da mulher que aceita cuidar da família, dos idosos, que vive com alegria as tradicionais tarefas do lar e da devoção religiosa. A Beata Lindalva é um símbolo, uma representação de muitas mulheres vítimas de violência na sociedade, mulheres simples que, assim como Lindalva, vivem com alegria os árduos trabalhos domésticos, de devoção ao lar e a família e encontram na religião um sentido mais profundo para a existência. É dentro desse contexto que, fundamentado na teoria desenvolvida por Maingueneau, deve-se pensar o *ethos* da Beata Lindalva.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A Arte de Argumentar**: gerenciando razão e emoção. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

AMOSSY, R. Ethos. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 221-222.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3 ed. Petrópolis: Vozes / São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

EDUCAÇÃO Vicentina. **Comissão Formação**. Disponível em: <<http://www.filhasdacaridade.com.br/formacao/as-filhas-da-caridade/quem-somos/55>>. Acesso: 3 Jan. 2019.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

JOÃO XXIII, P. **Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura da solene do SS. Concílio**, Roma, Cidade do Vaticano, 1962. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em 18 de Mar. 2019.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A, R, SALGADO, L. (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, D. Discurso, enunciado, texto. In: SILVA, M. C. P. S.; ROCHA, D. (Orgs.). **Análise de textos de comunicação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 52-57.

MAINGUENEAU, D. O ethos. In: SILVA, M. C. P. S. ROCHA, D. (Org.) **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 104-114.

MARTINS, J. S. **Mensagem do Cardeal José Saraiva Martins, na beatificação da Serva de Deus Lindalva Justo de Oliveira**. 02 de dezembro de 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20071202_beatif-lindalva_po.html. Acesso em 18 Mar. 2019.

MAZZOLA, R. B. Análise do discurso: um campo de reformulações. In: MILANEZ, N. SANTOS, J. J. (Orgs.). **Análise do discurso**: objetos, sujeitos e olhares. E-book. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 7-16.

PASSARELLI, G. **O Sorriso de Lindalva**. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 2003.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Edunicamp, 1997.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.